

# ***Moção A - Organizar para agir***

Mais coordenação e acção para os jovens do Bloco

Vivemos hoje num contexto marcado por uma recessão económica, graves problemas sociais, e num quadro político de grande bipolarização, em que um governo minoritário do Partido Socialista insiste em manter o rumo neoliberal. É com base nesta análise que o Bloco reconhece a necessidade de construção de um espaço de intervenção jovem anti capitalista.

A anterior Coordenadora de Jovens do Bloco de Esquerda de Lisboa foi a primeira a experimentar pôr em prática uma nova ideia de organização, aprovada na última Conferência Nacional de Jovens do Bloco de Esquerda. Como em qualquer nova experiência, fomos confrontados com novas dificuldades e exigências. No Ensino Superior deparámo-nos com a dificuldade em manter e coordenar as experiências de trabalho unitário nas faculdades. Há, no entanto, novas experiências e uma crescente necessidade em reforçar a sua organização e aprofundamento, com mais coordenação. No Ensino Secundário, deu-se um grande passo em frente no que toca à organização e coordenação dos activistas, tornando-se essencial uma melhor coordenação de trabalho e mais acompanhamento. O balanço das eleições autárquicas reforça a necessidade de dar apoio e acompanhamento distrital aos jovens do distrito Lisboa como um todo, bem como das iniciativas de formação e de encontro, que permitam a discussão, o encontro e criação de redes entre os jovens do distrito.

O próximo mandato traz-nos novos desafios: a continuação e fortalecimento das experiências em que estamos envolvidos e o melhoramento da integração, comunicação e criação de redes entre os jovens do Bloco do distrito de Lisboa. A coordenação destas iniciativas só pode ser levada a cabo por uma Coordenadora forte, responsabilizada e consciente das dificuldades práticas do activismo, as tais que só detectamos quando nos propomos a transformar aquilo que nos rodeia. É esta a nossa vontade e este o nosso desafio.

## **Ensino Secundário**

No ano que passou registou-se uma significativa agitação nas escolas e no ensino público que foi fundamental para um acréscimo da adesão ao activismo no secundário. As mobilizações feitas em torno desta temática tiveram não só repercussões imediatas, como é exemplo o caso da ministra ter sido substituída, e a longo prazo uma forte acumulação de experiências na luta do secundário que nos serão deveras úteis, salientando-se a participação na plataforma "*Directores Não!*".

A partir deste ano, prevemos que, com um novo Governo e uma nova Ministra nada mude nas políticas relativas ao ensino secundário. Continuamos a lutar contra as aulas de substituição, o novo modelo de gestão escolar, o novo estatuto do aluno, e por distribuição de manuais de forma gratuita. Quanto à educação sexual, achamos que este modelo não é o adequado, e serve apenas para desresponsabilizar as escolas de qualquer abordagem séria sobre o tema e para continuar com o mesmo modelo de aulas padronizadas

Por conseguinte, este ano os objectivos dos jovens do secundário que apoiam esta moção são os de politizar os estudantes e promover uma cultura de debate e participação activa não só nas escolas mas também na sociedade. Como tal, pretende-se descentralizar o activismo do secundário ao alargá-lo a mais zonas periféricas a Lisboa, dando primazia a um trabalho mais local, adequado a cada contexto social e cultural utilizando os instrumentos (AÉ's, colectivos, movimentos, etc..) que melhor se ajustem à concretização dos objectivos previamente definidos.

Damos especial atenção também à criação de espaços de partilha de experiências que visem criar uma identidade anti-capitalista que permita uma acção mais consequente.

## Ensino Superior

O Ensino Superior Público tem sofrido, nos últimos anos, ataques violentos. O Processo de Bolonha começou por desestruturar os currículos, reduzindo-os a três anos e encarecendo a continuação da formação académica com propinas mais altas para o segundo ciclo, abrindo ainda a porta a formas e métodos de avaliação que aproximam o estudo da realidade laboral. Por outro lado, com o novo Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), afastaram-se os estudantes dos órgãos de gestão das universidades e faculdades, substituindo-os por representantes de empresas que jogam a seu favor com o futuro pedagógico e curricular das instituições em que participam. A par disto, surge o problema do sub-financiamento que endivida as instituições, alterando o seu funcionamento normal e transfere para os estudantes a responsabilidade da manutenção do ensino público (em 15 anos, as propinas aumentaram 452%) que, a par de uma Acção Social insuficiente e nada ajustada às necessidades reais, empurra os estudantes para o crédito e elitiza ainda mais a Universidade Pública (a percentagem de alunos com baixo rendimento no ensino superior desceu um terço entre 1995 e 2005).

Perante esta alteração de paradigma na vida das instituições de ensino superior, a nossa resposta tem de ser plural, organizada e mobilizadora. O pilar da nossa intervenção no Superior sempre foi a defesa do Ensino Superior público, gratuito, universal e de qualidade, e assim tem de continuar a ser. A nossa acção tem de ser plural, respondendo a todos os tipos de opressões que os estudantes sofrem na pele e englobar todas as lutas e todos os activismos; tem de ser mobilizadora para, juntando estudantes à volta de causas concretas pedagógicas, sociais, científicas e democráticas, criar massa crítica. A disputa nas faculdades deve assumir várias formas: o confronto mais sindical que denuncia os problemas concretos, a disputa científica para que a Universidade seja um espaço de discussão e democratização do conhecimento e a abertura da Universidade ao social e aos temas que são importantes socialmente. Além disso, a nossa acção tem de ser organizada: só podemos medir o avanço dos nossos activismos com base no conflito que activistas organizados de várias formas criam. A forma dessa organização pode ser diversa: criando grupos unitários, disputando as AEs ou os órgãos de gestão das faculdades, sempre o mais alargadamente possível e com o maior número de pessoas. Queremos quebrar o conformismo vigente, transformando as faculdades num espaço mais comunitário, mais democrático, mais combativo, mais nosso.

A Coordenadora de Jovens do Bloco de Esquerda de Lisboa deve assumir um papel de dinamização, organização e debate. As redes de contacto que devem ser estabelecidas servem para trocar experiências e criar acções e momentos de intervenção conjuntos, que englobem as várias experiências em que os jovens estão envolvidos. O trabalho de acompanhamento e coordenação, não só entre os jovens, mas também com outras iniciativas do Bloco, deve ser o papel desta Coordenadora: alargamento, discussão e radicalização.

## Concelhias

Uma das principais conclusões a retirar do ciclo eleitoral foi a disparidade entre o resultado das Legislativas e as Autárquicas. As Legislativas mostraram um Bloco de Esquerda com uma grande projecção a nível nacional que se reflectiu no grande capital de simpatia demonstrado nas mesas de voto. No entanto, nas eleições Autárquicas o resultado foi semelhante ao de 2005, não se reflectindo a nível local o crescimento alcançado nas legislativas.

A análise destes resultados alerta para a necessidade de um maior esforço de implementação local, através de uma acção local que reforce o apoio do Bloco aos problemas quotidianos das pessoas nos locais onde moram. É necessária a adopção de uma estratégia de intervenção voltada para a vida em redor dos municípios e juntas de freguesia discutindo os seus distintos problemas. A necessidade de começar a trabalhar já na construção de estruturas locais fortes não irá ser ignorada pela coordenadora de Jovens de Lisboa.

Propomos uma coordenadora que trabalhe de uma forma verdadeiramente distrital. Alargaremos a acção política a todo o distrito, com uma lista constituída por pessoas de vários concelhos, adoptando um importante papel de coordenação, troca de informação, apoio à formação política e à inclusão de jovens nas estruturas organizativas das concelhias, iremos também facilitar o contacto e diálogo entre estas e os jovens.

## Organização e programa

Ao longo do último ano temos assistido a um crescimento exponencial do número de militantes do Bloco, que se traduziu também no envolvimento de novos jovens. No entanto, os resultados das últimas eleições autárquicas denunciaram que a organização do Bloco a nível local é ainda insuficiente. As estruturas distritais do Bloco de

Esquerda, nas quais se inclui a Coordenadora de Jovens do Bloco de Lisboa, devem ter um papel preponderante no apoio à dinamização de intervenções locais, no acompanhamento aos jovens que chegam de novo ao Bloco, bem como à sua integração nas estruturas do Bloco.

Por outro lado, o crescimento traz novos desafios para os quais precisamos de estar melhor preparados. Neste sentido, a realização de debates e momentos de formação e discussão, que contribuem ainda para a criação de redes e de uma identidade comum nos jovens, deve ser tarefa da Coordenadora de Jovens de Lisboa.

O trabalho nas escolas tem sido a prioridade da intervenção dos jovens do Bloco, de forma unitária e convergente. Neste sentido, a tarefa da organização de jovens no Bloco deve ser a criação dessas redes entre activistas de vários sítios, a coordenação de trabalho com outras iniciativas do Bloco e o encontro e troca de experiências.

Assim, a lista que subscreve esta moção tem uma ideia forte e “responsabilizante” do que deve ser o trabalho da próxima Coordenadora de Jovens de Lisboa:

- 1. Continuação do grupo de trabalho de estudantes do ensino secundário e seu alargamento, com mais coordenação de trabalho;**
- 2. Criação de um grupo de trabalho de estudantes do ensino superior, que permita coordenar trabalho e pensar em conjunto;**
- 3. Dinamização de debates/iniciativas de formação e festas para colmatar o défice de discussão política que os jovens do Bloco sentem, bem como para promover o encontro e a construção de uma identidade comum;**
- 4. Apoio e integração de novos militantes dos concelhos do distrito de Lisboa;**
- 5. Dinamização de debates nos vários concelhos do distrito de Lisboa, que permita o alargamento do universo jovem e o seu envolvimento e integração nas estruturas do Bloco.**
- 6. Ter um plano de actividades bimensal que é discutido em Assembleia de Jovens, de forma a envolver e responsabilizar novos militantes.**

#### **Lista para a Coordenadora de Jovens do BE de Lisboa vinculada à Moção “Organizar para agir”**

Catarina Príncipe  
Miguel Sacramento  
Joana Mortágua  
Daniel Fonseca  
Filipa Gonçalves  
Inês Santos  
Marco Marques  
Ana Martins  
Rodrigo Rivera

#### **Suplentes:**

Pedro Feijó  
Ana Candeias  
Rodrigo Pereira  
Érica Postiço  
Vasco Dias  
Reinaldo Miranda  
Raquel Santos  
Sérgio Cerqueira  
João Curvêlo

#### **Representante da Moção “Organizar para agir” na Comissão Eleitoral**

Joana Mortágua

**Subscvem a Moção:**

Alexandre Figueiredo  
Ana Candeias  
Ana Feijão  
Ana Martins  
Ana Pereira  
Andreia Moutinho  
Catarina Príncipe  
Daniel Fonseca  
Diana Neves  
Érica Postiço  
Fernando Pedro  
Filipa Gonçalves  
Francisco Silva  
Frederico Serzedello  
Hugo Evangelista  
Inês Santos  
Joana Mortágua  
Joana Santos  
João Azevedo  
João Curvêlo  
Luísa Bigode  
Marco Marques  
Mariana Mortágua  
Mariana Santos  
Martin Grant  
Miguel Lopes  
Miguel Sacramento  
Pedro Feijó  
Raquel Santos  
Reinaldo Miranda  
Ricardo Vicente  
Rodrigo Pereira  
Rodrigo Rivera  
Sérgio Cerqueira  
Susana Oliveira  
Tiago Cortinhal  
Tiago Silva  
Vasco Dias  
Vítor Castro